



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA REALIZAÇÃO DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Késia Oliveira de Menezes

Natália de Oliveira Melo

Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida

Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste.

E-mail: kesia.oliveira.menezes@gmail.com; oliveiramelonatalia@hotmail.com; nina.ataide@gmail.com.

Resumo: Este texto toma como base a discussão em torno de dois eixos estruturantes para a sua composição: primeiro, o estudo acerca do estágio supervisionado no Ensino Fundamental a partir da aproximação de uma realidade específica, que é: o contexto escolar de uma sala de aula do ensino fundamental, e segundo o desenvolvimento e análise de uma experiência em campo, especificamente a prática docente no ensino fundamental, seus objetivos, suas possibilidades e desafios, compreendendo que o estágio supervisionado é o instrumento possibilitador do estudo da articulação que existe entre a prática e a teoria, tornando-se assim, um elemento de formação docente, e que dessa forma, se faz importante descrever a nossa experiência de prática docente no contexto do ensino fundamental, para que desta forma o estágio possa exercer o seu papel que é de um articulador da formação. Assim, o estudo sobre o estágio supervisionado articulado com a análise de nossa experiência, possibilitou a sistematização de aspectos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho docente, tais como: conexão entre teoria e prática, práxis, prática docente, prática pedagógica, prática de ensino, aula e didática, e compreendendo que esses aspectos estão imbricados ao significado de estágio e exercem influência em nosso estágio, especificamente em nossa experiência que será aqui socializada.

Palavras-Chave: estágio supervisionado, prática, ensino fundamental.



INTRODUÇÃO

O presente texto traz um relato de experiência no ensino fundamental, abordando os desafios e possibilidades da efetivação de um estágio supervisionado, pois é necessário que se desenvolvam estudos sobre o mesmo, seus significados, como também sua importância e para contribuir com tal estudo buscamos analisar nossa experiência de estágio, que se traduz em nossa prática docente. Assim, o nosso objetivo é analisar uma experiência no ensino fundamental: desafios e possibilidades da efetivação de um estágio supervisionado. E como objetivos específicos: discutir acerca do estágio supervisionado em ensino fundamental e analisar uma experiência de campo, especificamente nossa prática docente.

Precisamos compreender inicialmente sobre o que é o Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental, sua finalidade e o que este oferece enquanto instrumento de formação para a prática docente. O estágio simplesmente é um componente curricular, que consiste na possibilidade de aproximação com a realidade e também com o espaço onde se desenvolve a prática docente. Dessa maneira, entendemos estágio como nos diz Melo (2014) que este é: “(...) visto como eixo articulador da formação, como campo de conhecimento, como práxis, espaço de aprendizagem profissional e de ressignificação dos saberes e da prática docente” (p.26). A partir disso percebemos que este componente curricular aponta a possibilidade de de articular o vivido na academia com os elementos do nosso campo de atuação, a fim de uma melhor compreensão da escola e do espaço escolar. Por isso o estágio se faz tão importante, pois podemos utilizá-lo como “(...) instrumento privilegiado para a compreensão da escola e do sistema educacional, para além do que acontece somente na sala de aula” (LIMA ; GOMES, 2006. p.182), assim o estágio nos serve como um elo ligando a teoria com a prática e também como uma importante ferramenta que nos auxilia na compreensão da escola.

Neste momento, partimos para a percepção da finalidade do estágio, para tanto, precisamos entender que o estágio não é algo que quando finalizarmos o componente curricular, ele se findará de igual modo, seus resultados estarão em continuidade em nossa carreira profissional. O estágio é uma possibilidade que nos traz contribuições não somente durante o seu acontecimento, mas também, após seu término de forma que seus efeitos nos beneficia com o: “(...) contato com situações de trabalho; constrói uma identidade



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

profissional; prepara para um trabalho docente coletivo; e serve de mediação entre a universidade, a escola e a sociedade” (MELO, 2014.p.26). A partir da identificação das finalidades do estágio, podemos compreender o quão importante é este momento para a formação e exercício da prática do professor, pois auxilia na construção de um profissional apto ao novo, sendo este novo todo e qualquer elemento inesperado que perpassa o caminho deste professor atuante.

METODOLOGIA

Para a realização dos objetivos, nos baseamos na ideia de uma pesquisa qualitativa que segundo Minayo (1999) vai estudando os fenômenos, seus sentidos, seus significados. Para discutir sobre estágio fizemos um levantamento teórico dos autores que vêm trabalhando e discutindo esta temática, tais como: Lima e Gomes (2006); Vazquez (1977); Pimenta (1995); Silva (2008); Weisz (2009); Libâneo (2006); Serrão (2006); também buscamos pesquisas entre essas de mestrado em estágio supervisionado a exemplo de Melo (2014), onde vai nos apontando, fazendo as distinções entre prática e teoria, práxis, prática docente, prática pedagógica, prática de ensino, aula e didática, que serão desenvolvidos no decorrer do texto.

Buscamos identificar a escola, onde desenvolvemos o estágio supervisionado em ensino fundamental. A instituição era da rede privada de ensino que trabalha com a educação infantil até o ensino fundamental. Em se tratando da sala de aula onde desenvolvemos a nossa prática docente podemos destacar que é uma sala do terceiro ano do ensino fundamental, que no ano de 2014 está comportando 26 alunos. Como Silva (2008) destaca, podemos compreender a importância do espaço físico da sala de aula, pois esta necessita comportar de forma confortável a quantidade de alunos, pois a medida em que a sala não atende as necessidades físicas (como: tamanho adequado, luz, ventilação, cadeiras adequadas) dificulta a construção do processo de aprendizagem.

Após a sistematização teórica, analisamos e discutimos a nossa experiência de prática docente, os nossos desafios e possibilidades no desenvolvimento dessa etapa para assim, finalmente, apresentarmos nossas conclusões do texto, que trata-se das contribuições que esta experiência de prática docente deixou em nossas formações como também o estudo acerca do estágio supervisionado em ensino fundamental.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

DIALOGO TEÓRICO

A partir da nossa lente teórica trabalhamos algumas categorias que estão relacionados ao estágio e que exercem influência em nossa experiência que será aqui socializada, o diálogo teórico foi realizado a partir dos aspectos encontrados no estágio supervisionado. Nessa perspectiva, o estágio supervisionado em ensino fundamental objetiva aproximar o aluno do curso de formação em pedagogia à prática do professor, aproximar do fazer docente. Sabemos que a teoria está intrinsecamente ligada à prática e que uma existe pela existência da outra, dessa forma, percebemos como é importante se fazer essa relação nos cursos de formação. Assim, Melo (2014) nos diz

a partir dos anos 80 e 90 uma discussão a respeito dos sentidos da formação e consequentemente de estágio foi revisitada e com a crescente influência da teoria da epistemologia da prática começou-se a pensar em um estágio que proporcionasse aos estudantes a associação entre teoria e prática, objetivando uma formação que representasse a instrumentalização técnica, teórica e profissional do docente (p.17).

É possível perceber a importância da **conexão entre a teoria e a prática** e o seu efeito na formação do docente. No momento em que o estágio é o possibilitador do estudo da mutualidade que existe entre a prática e a teoria, ele torna-se um elemento formador do docente, e que terá a oportunidade de vivenciar a relação existente entre esses dois elos inseparáveis, oportunidade essa indispensável em sua formação. No momento em que discutimos sobre a relação da teoria e da prática estamos pensando que **teoria** é o relato da prática, é “(...) sistematização do que se vivencia, sem, no entanto, captar o movimento da prática” (MELO, 2014. p.138). Mesmo havendo a relação de dependência mútua, teoria e prática se distinguem em alguns aspectos, ao mesmo tempo que existem em relação contínua. No que diz respeito à **prática**, a concebemos como movimento do mundo, que subjazem a teoria, e neste sentido, Melo (2014) nos diz que:

a prática é percebida como elemento que sofre influências tanto dos novos problemas que surgem no campo de atuação como da teoria que em algum momento foi incorporada no fazer do professor. Nesse sentido, concebemos que a teoria produzida sobre um fenômeno já não corresponde mais ao fenômeno que inicialmente intencionava explicar, o fenômeno se modifica constantemente, se mobiliza (p.27).

Enxergamos a movimentação do mundo na prática no momento em que esta existe ao mesmo tempo pela existência dos acontecimentos que carregam novidades, como também



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

pelas teorias que emergem do atuar do professor. Logo essa dualidade emergida na prática, é também um confronto, que faz com que a prática não se mantenha à inércia em nenhum momento, pelo contrário, a prática é construção e reconstrução.

No estágio, por exemplo, do ensino fundamental, é preciso que se enxergue a importância da relação entre teoria e prática, percebendo que a aprendizagem eficaz a partir da reprodução de práticas, sem a reflexão das mesmas não é possível. Esse estágio relaciona a teoria e a prática a partir da práxis, da relação de **práxis**. Partimos do princípio da práxis não só no sentido utilitário, mas a práxis ligada ao sentido da reflexão, que busca uma finalidade, e “(...) a finalidade, portanto, prefigura aqui o resultado de uma atividade real, prática, que já não é pura atividade da consciência” (VAZQUEZ, 1977. p.190). Sendo a práxis como uma atividade reflexiva que se propõe com um objetivo, buscaremos dessa forma discutir sobre a prática, especificamente a prática docente.

Essencialmente, compreendemos que toda e qualquer **prática docente** advém de uma teoria, e pensamos prática docente como sendo a ação que o professor desenvolve em sua sala de aula, a execução da sua teoria. Concordamos com Melo (2014) quando esta nos diz que:

a prática docente é resultado desse movimento de reflexão sobre o ensino e a aprendizagem em diálogo constante com o conhecimento teórico, sendo, pois, nesse movimento entre reflexão do fazer e a teoria que ocorrem as mudanças. (p.42)

Logo, não existe uma prática docente no cotidiano da sala de aula com o seu início e seu fim somente na prática no sentido da ação. Como podemos entender, a prática docente de todo professor efetivada em sala de aula é um resultado do que vem anteriormente, que se trata justamente da teoria. Então é a partir da reflexão da prática docente que o estágio vai se tornando instrumento formativo do professor em formação. Como podemos destacar, ser e se tornar professor é um processo contínuo de aprendizagens, e a experiência de inserção no contexto de trabalho é fundamental, pois a partir das reflexões feitas nesse momento de encontro entre espaço de formação e espaço de atuação fornecerá subsídios para essa construção do profissional docente.

Ressaltamos que a **prática pedagógica** vem comumente associada a prática docente, muitas vezes até confundida com a mesma, mas as duas tem sentidos diferentes. A prática pedagógica vai muito além do trabalho que o professor exerce dentro do seu local de trabalho,



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

bem como, vai além das práticas educativas, que podem está ligadas as práticas do professor ou não, pois as práticas educativas envolvem qualquer formar de ensinar, de educar, de transmitir ou receber o conhecimento, as práticas pedagógicas não se resumem a ação, mas como nos diz Melo (2014) “(...) as práticas pedagógicas são, então, aquelas com objetivos definidos, já as práticas educativas podem não vir acompanhadas de uma finalidade clara” (p.44). Então a prática ou praxi pedagógica, nos liga a reflexão, ou seja, ao pensamento que antecede a ação.

A **prática de ensino** em seu contexto histórico vinha sendo ligada e utilizada com o mesmo sentido que estágio supervisionado, pois a prática de ensino e o estágio se vinculavam à prática do professor, especificamente na sala de aula, de modo investigativo e observador, possibilitando nesse espaço a articulação da teoria e da prática. Nessa perspectiva Melo (2014) nos diz que

seja chamado de prática de ensino ou de estágio curricular, o mais importante é demonstrar que o estágio supervisionado passa por mudanças significativas em seu estatuto, mudanças as quais dizem respeito a pensá-lo como reflexão da realidade, como atividade teórica que instrumentaliza a práxis docente, e como processo investigativo (p.38)

Logo, percebemos que o mais importante é que o estágio supervisionado ou a prática de ensino possa fazer-nos refletir acerca da nossa própria prática, fazendo com que através dele possamos refletir sobre a nossa prática docente enquanto professoras em formação.

No tocante à **aula**, a concebemos como um mecanismo de ensino complexo, que necessita ser bem analisado, pois entendemos que é a partida da aula que o aluno tem um contato direto com alguns conceitos que a escola proporciona a discussão, devido a isso é preciso que se analise bem o que está sendo dito para os alunos durante a aula, para isso é necessário que o professor articule bem esta aula reconhecendo o seu papel nesse processo e busque articular as aulas com as vivências dos alunos para aproximar o conteúdo do seu alunado. Dessa maneira Melo (2014) diz que

é preciso que o professor reconheça o seu importante papel como agente promotor de aprendizagem do aluno, construtor do conhecimento, e crie condições para que este se sinta desafiado, motivado a explorar, refletir e rever ideias, conceitos e teorias, planejando suas aulas com o auxílio das novas tecnologias ou não, com clareza em relação à maneira de articular os componentes do processo de ensino [...] (p. 36).



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Torna-se possível compreender a importância do papel do professor e da aula, pois esta necessita propiciar uma construção de conhecimento de modo que o aluno se sinta desafiado, possibilitando a construção de um aluno mais reflexivo, ou seja, que se torne um aluno que seja capaz de refletir sobre o mundo a sua volta. A partir desse ponto de vista a cerca da aula, precisamos tratar também sobre outro fator que circunda o estágio e nossa prática docente, que é a **didática**, pois este trata da tecnicidade de ensinar, o trabalho que é feito nos “bastidores” da aula até que se chegue a sua efetivação. Então a didática trabalha a partir da pedagogia ou dos processos de ensino que se preocupa com as técnicas e, por que não dizer, métodos de ensino, que procuram colocar em prática as teorias vistas na academia. E a cerca da didática Pimenta (1995) concerne que:

(...) a didática é uma área de conhecimento fundamental no processo de formação do professor. Enquanto atividade teórica (conhecimento e antecipação ideal da realidade ainda não existe) ela se constitui num método, num instrumento para a práxis transformadora do professor. Para isso, ela precisa ser dialeticamente considerada (p.63).

A partir do que Pimenta nos diz, podemos perceber a importância da didática para o trabalho do professor, sendo esta, um conhecimento importante para a construção de um profissional da educação, possibilitando a construção e o desenvolvimento de métodos para ensinar, constituindo uma forma de antecipação a prática docente.

Mediante os estudos dos conceitos teóricos que abordamos, no próximo momento iremos relatar como tais conceitos foram observados por nós durante a nossa experiência de estágio no ensino fundamental, a fim de que possamos realizar o exercício de aproximação da teoria com a prática a partir de nossa experiência, relatando como esses dois fundamentos se relacionam especificamente em nosso exercício de estágio, nossa prática docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o encaminhamento do texto, se faz necessário descever a nossa experiência de prática docente no contexto do ensino fundamental, para que assim de fato o estágio seja um eixo articulador da formação, e também um espaço de aprendizagem profissional. A nossa experiência de regência/prática docente se iniciou através de uma aula que teve como tema: introdução teórica da fração no 3º ano do Ensino Fundamental, e partimos do princípio de **aula** de acordo com Silva (2008) quando esta nos diz que a aula precisa ser uma oportunidade



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

de tempo/espaço para que se possa ensinar/aprender e também transformar. É possível observar o nosso plano de aula 1 (inserido no final deste tópico) que foi desenvolvida a fim de fornecer subsídios para a realização e efetivação da mesma, e no presente texto iremos descrever em quais aspectos do citado plano de aula conseguimos avançar.

Iniciamos a aula indagando os alunos como seria possível dividir uma quantidade de inteiro por quantidade de pessoas, trouxemos situações corriqueiras do cotidiano dos alunos com o objetivo de trazer a reflexão para a aula, tomando como base Vázquez (1977) fazendo da nossa **práxis** uma atividade que tem objetivos com significados, que nesse caso específico foi de incentivar que o aluno refletisse sobre divisões de inteiros por quantidade de pessoas. Após estimular a reflexão e o inquietamento dos alunos, utilizamos a lousa para introduzir o conceito de fração, desenvolvendo com os alunos conceitos como: numerador, denominador, avos. Logo, fomos construindo os conceitos introdutórios de fração a partir dos conhecimentos que os alunos já tinham, e a partir dessa metodologia baseada em Weisz (2009), foi possível destacar o que era preciso para avançar com o assunto.

Com a participação dos alunos na construção dos conceitos introdutórios de fração, seguimos para a nomeações das frações da seguinte forma: na lousa escrevíamos uma fração em forma de desenho e solicitávamos aos alunos que nos dissessem como essa fração era escrita numericamente. Assim promovemos na sala de aula uma situação que o aluno construiu suas ideias, expressou seus pensamentos e resolveu problemas, e como bem coloca Libâneo (2006), dessa forma, fizemos o aluno pensar. Após esse momento, finalizamos a aula de matemática em uma atividade 1 (inserida no final deste tópico), que se tratava de um exercício revendo os conceitos desenvolvidos durante a aula, a fim de que o aluno aprendesse e fixasse tudo o que foi visto, ou seja uma “atividade de aprender” que como nos diz Libâneo (2006) esse tipo de atividade é uma atividade pensada de aprender.

Através desta atividade tivemos a oportunidade de avaliar os alunos, no momento em que estes nos traziam a atividade concluída, ou quando vinham à nós para tirar dúvidas, e observávamos erros, avaliávamos que “ (...) a confusão ou o erro apresentado pelo aluno não se constitui em obstáculos para aprendizagem, mas sim numa manifestação de seu entendimento, que oferece elementos para o professor orientar e reorientar o sentido da ação educativa” (SERRÃO, 2006. p.152-153). Nesses movimentos, íamos avaliando o aprendizado



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

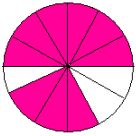
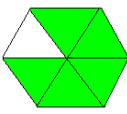
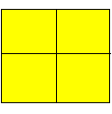
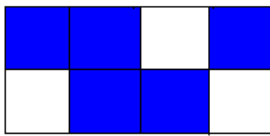
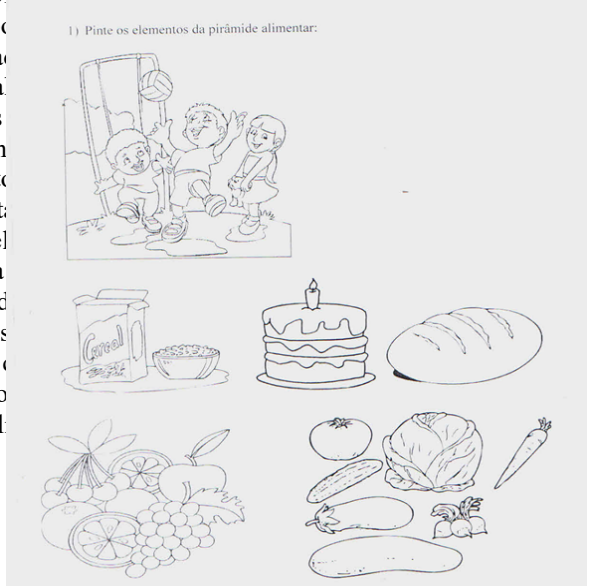
dos alunos a respeito do que foi desenvolvido em sala de aula, como também íamos nos avaliando enquanto estagiárias, e dessa forma nos utilizamos do **estágio** no sentido, como diz Melo (2014), da necessidade de nós, como futuras professoras, refletirmos sobre nossa prática e também como “(...) possibilidade de construção do conhecimento baseando-se na experiência docente” (p.35).

A segunda aula que desenvolvemos, (o plano de aula se encontra no final deste tópico), teve como tema: Alimentação saudável nos propõe a preparar uma aula que possibilitasse que os alunos compreendessem a importância de uma alimentação saudável, assim como, entender a necessidade para o corpo humano do consumo de cada tipo de alimento, e esse entendimento procuramos fazer através da construção de uma pirâmide alimentar. A aula se iniciou com o questionamento para os alunos sobre o que é alimentação saudável, O que e eles entendiam sobre se alimentar bem, nesse primeiro momento percebemos qual conhecimento os alunos tinham sobre se alimentar bem, antes mesmo de expormos qualquer conhecimento nosso.

Em seguida, expomos na cartolina uma pirâmide desenhada que através da mesma buscamos explicar sobre a alimentação saudável, como e em que quantidade precisamos ingerir os alimentos e também com essa pirâmide formamos a pirâmide alimentar. Assim nos utilizamos dessa estratégia, mecanismo ilustrativo para fazer com que os alunos tenham um melhor entendimento e uma melhor visualização de como se alimentar saudavelmente. Em nossa explanação falamos que a pirâmide alimentar se divide em nove partes que são exercícios base da pirâmide, e fomos mostrando a frequência com que devemos comer cada alimento, quais são necessários para o nosso corpo em maior quantidade, por isso que estávamos mostrando em uma pirâmide, tendo em vista que ela se afunila, revelando em que quantidade cada alimento deve ser mais consumido.

Depois de explanarmos sobre cada parte da pirâmide, propomos uma atividade 2 (inserida no final deste tópico), que consistia na construção de uma pirâmide alimentar. Assim, dispomos para os alunos desenhos que eles poderiam pintar para compor a pirâmide alimentar, dessa maneira podemos perceber se os alunos teriam compreendido como a pirâmide é distribuída e em que quantidade devemos consumir os alimentos.



ATIVIDADE 1	PLANO DE AULA 2
<p>1) Observe as figuras e diga quanto representa cada parte da figura e a parte pintada:</p> <p>a)  funções dos</p> <p>b)  -Lousa </p> <p>c)  </p> <p>2) Observe a figura:</p> <p></p> <p>a) Em quantas partes iguais o retângulo foi dividido?</p> <p>b) Cada uma dessas partes representa que fração do retângulo?</p> <p>c) A parte pintada representa que fração do retângulo?</p> <p>3) Representa as frações abaixo por meio de desenhos:</p>	<p>ATIVIDADE 2</p> <p>Compreensão das funções dos alimentos para o nosso corpo.</p> <p>LOGIA AVALIAÇÃO REFERÊNCIAS</p> <p>1) Pinte os elementos da pirâmide alimentar:</p> 

PLANO DE AULA 1					
TEMA: Introdução teórica da fração no 3º ano do Ensino Fundamental					
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	RECURSOS DIDÁTICOS	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO	REFERÊNCIAS
<ul style="list-style-type: none"> -Identificar os conceitos introdutórios teóricos da fração -Socializar questões-problemas básicas de introdução à fração 	<ul style="list-style-type: none"> -Os conceitos introdutórios teóricos da fração -Questões-problemas de introdução à fração 	<ul style="list-style-type: none"> -Lousa -Cartolina -Caderno 	<p>Aula expositiva com uso da lousa para a socialização com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental II, apoiada pelo uso do material cartolina para se utilizar da problematização de situações corriqueiras do cotidiano dos alunos em questão, para assim desenvolver a introdução teórica da fração.</p>	<p>Através da atividade individual no caderno onde irão identificar os conceitos introdutórios da fração</p>	<p>Módulo VI: Educação e linguagem matemática IV/ Nilza Eigenheer Bertoni – Brasília : Universidade de Brasília, 2009.</p> <p>Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : matemática /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 142p.</p>



Conclusões

Portanto este texto teve como proposta analisar a prática vivenciada durante o estágio supervisionado em ensino fundamental, assim como, a prática docente que desenvolvemos, fazendo também uma ligação desses fatos com alguns teóricos que trabalham com a perspectiva de estágio, de práxis, prática docente, prática pedagógica, prática de ensino, aula e didática. Esta experiência possibilitou aproximar-nos com nossa área de atuação, ou melhor, a nossa prática como profissional da educação, pois entendemos que a teoria é algo indissociável a prática, sendo a teoria construída a partir da prática. Por isso se faz tão necessária a nossa passagem pelo estágio, pela experiência de estudar a teoria na academia e ver sua efetivação na prática. No final do percurso podemos perceber as contribuições desse processo em nossa prática docente como também na nossa formação profissional, pois esta experiência nos mostrou, de fato, que precisamos refletir sempre sobre nossas práticas e nossa atuação dentro da sala de aula, por que esta reflexão influencia significativamente em nosso trabalho. Deste modo, se torna dever nosso fazer com que cada vez mais busquemos nos aperfeiçoarmos em nosso percurso como profissionais e em especial, como profissionais da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In Selma Garrido Pimenta, Evandro Ghedin, (orgs.). Professor reflexivo no Brasil : gênese e crítica de um conceito. 4. Ed. – São Paulo : Cortez, 2006. p. 53 – 80.

LIMA, Maria do Socorro Lucena; GOMES, Maríneide de Oliveira Gomes. REDIMENSIONANDO O PAPEL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: algumas considerações. In Selma Garrido Pimenta, Evandro Ghedin, (orgs.). Professor reflexivo no Brasil : gênese e crítica de um conceito. 4. Ed. – São Paulo : Cortez, 2006. p.163 – 188.

MELO, Maria Julia Carvalho de. Os sentidos partilhados sobre estágio supervisionado e as contribuições para a prática docente do professor com experiência docente. / Maria Julia Carvalho de Melo. – Caruaru, 2014.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

MINAYO, M. C. S. - *O desafio do conhecimento : pesquisa qualitativa em saúde*. 6ª ed., São Paulo, Hucitec, Rio de Janeiro, Abrasco, 1999. (Coleção Saúde em Debate, 46).

PIMENTA, Selma Garrido. O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UNIDADE ENTRE TEORIA E PRÁTICA. Cad. Pesq., São Paulo, n.94, p.58-73, Ago. 1995.

SERRÃO, Maria Isabel Batista. Superando a racionalidade técnica na formação: sonho de uma noite de verão. In Selma Garrido Pimenta, Evandro Ghedin, (orgs.). Professor reflexivo no Brasil : gênese e crítica de um conceito. 4. Ed. – São Paulo : Cortez, 2006. p. 151 – 152.

SILVA, Edileuza Fernandes da. A aula no contexto histórico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org). **Aula:** Gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas, SP: Papirus, 2008. – (Coleção Ministério: Formação e Trabalho Pedagógico), p. 15-44

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

WEISZ, T. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.